



RUAS DE BARBACENA

Digníssimo Senhor prefeito: quem lhe escreve é um desses desagradáveis moradores da cidade, desejando caminhar por ruas limpas.

Aconteceu que, outro dia, um velho amigo meu me convidou para passear pela cidade. Falávamos de antigos tempos e bonitas mulheres. Tudo seria perfeito, não fosse o mar de lixo no qual mergulhavam nossos pés. Papéis, latas, cascas de frutas e verduras, objetos utilizados diariamente, jogados pelas ruas e calçadas da cidade. Sei, caro Senhor, todas as normas da prefeitura, e consta no artigo 4 que devemos manter a cidade limpa.

Creio ser impossível retirar todo o lixo das ruas. Antigamente os moradores, os da minha rua ao menos, movimentavam-se para que as calçadas fossem transitáveis. Todas as manhãs, o lixo era recolhido das calçadas, onde eu e meu amigo caminhávamos, e depositado na rua. Mas, agora, senhor, as ruas estão transbordando lixo e as calçadas também.

Enfim, Senhor, sei que não tenho direito a nada e não sou nada, como conta no regulamento da cidade e em meu livro de cabeceira, mas há dias em que não posso abrir a porta de casa porque o lixo não permite. É certo que estou sendo dispensado do trabalho, porém, Senhor, amo as estradas da cidade. Sou desses cidadãos que passam a vida esperando que, de repente, o presidente resolva visitar Barbacena. Confesso que não acho tal coisa provável, mas é sempre doloroso pensar que se acontecesse, eu não poderia vê-lo por minha porta não abrir.

Queria apenas, Senhor, que aquelas simpáticas moças que várias vezes vi varrendo a cidade, me ajudassem a abrir a porta da minha casa, porque a comida está acabando. Caso o carteiro consiga chegar aqui para levar ao senhor meu apelo, e eu não tiver resistido ao claustro que a sujeira me impôs, peço que me dê o extraordinário prazer de uma visita. Se eu morrer de fome, estarei no cemitério, do contrário, estarei em minha própria casa, sentado nessa cadeira, sem poder sair, aguardando sua chegada.